



## **CONTROLE DO CARRAPATO DOS BOVINOS *Rhipicephalus microplus*: ESTRATÉGIAS DE MANEJO**

## **CONTROL OF THE CATTLE TICK *Rhipicephalus microplus*: HANDLING STRATEGIES**

**J.R. Martins, J. Reck & G.M. Klafke**

Instituto de Pesquisas Veterinária Desidério Finamor-FEPAGRO, Eldorado do Sul, RS.

O monitoramento da sensibilidade das populações de carrapatos aos carrapaticidas e a caracterização das mesmas em relação ao comportamento frente aos princípios ativos disponíveis, são algumas das estratégias tradicionalmente preconizadas para prolongar a vida útil dos produtos existentes. Por outro lado, a disseminação da informação sobre a situação da resistência química aos carrapaticidas, envolvendo intercâmbio entre laboratório e campo, produtores, técnicos e pesquisadores, é fundamental para que os resultados e as recomendações possam atingir efetivamente o seu alvo. Manter o produtor informado bem como os técnicos que desenvolvem atividades diretamente no campo, deve ser uma tarefa permanente de todos aqueles setores interessados no controle adequado dos carrapatos dos bovinos. Em muitas regiões do país, os carrapaticidas convencionais (compostos fosforados, piretróides ou amidínicos), aplicados em forma de suspensão ou emulsão, já não apresentam atividade sobre os carrapatos. Essa situação, implica obviamente em mudança de estratégias de manejo, onerando o produtor, pois as alternativas de controle com outros grupamentos químicos (avermectinas, fluazuron, fipronil), mais recentemente introduzidas no mercado, implicam em aumento de custos com o tratamento. Um programa sustentável e economicamente viável para controlar carrapatos é altamente desejável em todas as áreas onde os carrapatos são endêmicos. A combinação de estratégias baseadas em tratamentos químicos e outros procedimentos de manejo, deve ser levada em consideração, na tentativa de se sobrepor ao fenômeno da resistência e mitigar o seu surgimento e disseminação. O controle integrado de carrapatos, considera que bovinos naturalmente mais resistentes, manejo dos pastos, integração lavoura pecuária e a utilização das informações epidemiológicas



regionais são fatores essenciais para o sucesso do controle dos carrapatos, alicerçados na escolha e uso correto dos carrapaticidas. Na grande maioria das situações de campo, tendo em vista que os denominados carrapaticidas convencionais já não controlam eficientemente as populações num limiar econômico aceitável, a vivência do técnico e o bom senso são fatores indispensáveis para diminuir os efeitos do problema, pois as particularidades de manejo exigem atenção especial e não há uma norma geral que possa ser preconizada para todos os sistemas de produção. Uma vez instalado o problema numa propriedade, dificilmente se poderá contorná-lo em sua plenitude. Alterar o princípio ativo em uso, incrementar a frequência de uso e mesmo a concentração de ingrediente ativo preconizada, pode repercutir negativamente no sistema de produção, exigindo descarte do leite em função da problemática de resíduos, por exemplo. Na medida em que o produtor questiona a eficiência do produto em uso na propriedade, ele tende, na maioria dos casos, simplesmente a alterar a marca comercial do carrapaticida na expectativa de controlar melhor os carrapatos na propriedade. Após vivenciar sucessivas falhas, as queixas multiplicam-se e um técnico frequentemente é acionado nessas ocasiões. Nessas situações, o recolhimento de carrapatos adultos (teleóginas ingurgitadas) de animais não tratados, em um período mínimo de 3 semanas, em número aproximado de 100, e posterior envio a um laboratório regional, acompanhado do histórico de uso de carrapaticidas na propriedade, permitirá uma avaliação da sensibilidade dos carrapatos aos produtos disponíveis, estabelecendo-se o diagnóstico laboratorial dessa forma. Ao tratarmos com situação comprovada de resistência, é recomendável que se investigue se as falhas que ocorrem no campo, são devidas ao manejo do produto ou a fatores genéticos. No geral, em se tratando de produtos concentrados emulsionáveis (aqueles diluídos em água) as falhas iniciais resultam de uma inadequada concentração de carrapaticida no banheiro de imersão ou no pulverizador, determinando que a concentração do produto seja insuficiente para o adequado controle da população de carrapatos. Por essa razão, a verificação da concentração correta do produto no banheiro ou no tanque de pulverização é uma das primeiras medidas a serem tomadas. Atualmente, é aceito que uma vez detectado o problema de resistência, este se torna permanente. Geralmente, quando o problema de resistência é reconhecido e identificado, a dispersão de carrapatos resistentes já ocorreu. Assim



chamadas medidas temporárias (aumento de concentração, tratamentos à intervalos curtos ou mesmo mudança para outro radical químico) podem ser necessárias para contornar momentaneamente a situação. Uma medida mais eficaz e de longo prazo para retardar ao máximo possível o surgimento e a expansão deste problema, está baseada no uso de informações epidemiológicas obtidas a partir de informações da dinâmica local das populações de carrapatos, determinando-se épocas mais adequadas para o início dos tratamentos carrapaticidas. No Rio Grande do Sul, na maioria das regiões produtoras, a primeira geração de carrapatos ocorre na segunda metade da Primavera. Neste período, recomendamos o início dos tratamentos carrapaticidas, sempre repetidos com 3 semanas de intervalos (piretroides ou amidínicos) ou 4 semanas (avermectinas). A remessa periódica de carrapatos para testes “in vitro” constitui-se numa medida complementar e de grande importância a escolha correta de um ingrediente ativo. Alguns fatores podem ser considerados como responsáveis pela presente situação, particularmente com relação aos piretróides e amidínicos: inadequada concentração do i.a. no banho de imersão; associação indevida de i.a. (piretróide + piretróide, piretroide + amitraz); tratamentos massivos com piretróides na tentativa de controle da Mosca-dos-chifres (*Haematobia irritans*) em concentração inadequada para controlar carrapatos; uso de formulações "domésticas" com piretróides usando-se óleos comestíveis ou de motores para serem usados em aplicações dorsais no controle de moscas; uso de acaricidas em tratamentos tradicionais, na maioria das vezes em condições mais favoráveis para os carrapatos (tratamentos somente frente a um número grande de fêmeas adultas); ausência de uma política de controle de carrapatos e um ineficiente serviço de extensão veterinária nessa área. O enfoque em medidas que envolvam mais conhecimento da dinâmica populacional dos carrapatos, propiciando mais eficiência quando da decisão do uso de um determinado produto, aliado a outras práticas de manejo (rotação de pastagens, descanso de poteiros, seleção de bovinos mais resistentes, etc.) são alternativas que contribuem para complementar e melhorar o controle dos carrapatos.